

A FESTA

André —

Você e o Levi tiveram a lembrança de escrever coisas amáveis sobre o Cachoeirense Ausente de 1951; e fiquei tanto mais comovido quando o fizeram nesse "Correio do Sul" que foi, depois do jornalzinho do colégio, o primeiro em que escrevi na minha vida. Ao Levi abracei lá em Cachoeiro; mas devo esta carta a você, que ficou em Pôrto Alegre. Não vou lhe contar as festas, que foram muitas, e tantas que eu não pude ir a tôdas; perdi várias cerimônias e inaugurações para ficar em casa, cansado, de barriga para o ar, olhando o vento mexer os galhos do meu velho pé de fruta-pão. Houve banquetes, ulscadas e bailes a rigor e sem rigor; houve até coisas demais, como por exemplo um comício político, que não estava no programa, nem no espírito do "Dia de Cachoeiro", mas que se improvisou para aproveitar a presença do ministro trabalhista; ainda bem que resultou tão mofino que estou certo que no ano que vem não haverá mais. O velho chaveiro São Pedro, que é um cachoeirense sempre presente, deve ter ficado contente com os fogos, as luzes e as bandas de música que de madrugada à noite varavam a cidade a clangorar com fé. No meio do povo imenso eu via de repente uma velha cara amiga e lá vinha um abraço forte. E as moças, André, como estão bonitas! As de nosso tempo, é claro estão senhoras, e é doce ver que muitas continuam belas; não posso lhe dizer como fiquei comovido ao revê-las. Mas havia ainda suas irmãs mais moças que em nosso tempo eram meninas; e as suas sobrinhas, que em nosso tempo não existiam; houve cruzamentos de famílias antigas da terra e vendo essas jovens em flor em que diferentes tipos se combinam e nobres taras de beleza se apuram sentimos um encanto confuso e inexprimível.

Mas ganhei também uma festa só de homens e nessa festa um diploma. A modestia não me permite transcrever seus dizeres, mas mando a modéstia às favas e transcrevo: "Considerando que em suas andanças por mares, terras, rios e luas, R. B. tem conservado a mais estrita fidelidade à memória infanto-juvenil das pescarias no seu velho Itapemirim... Considerando que essa fidelidade se extremou a ponto de, mesmo em águas mais fundas, não haver pescado outro qualquer peixe, que o mandí e cumbaca descuidados da foz do córrego do Amarelo...". A Colônia de Pesca V8 me concedeu, André, o título de Sócio Honorário da Ordem do Mandí e da Cumbaca; tenho portanto o direito de usar as iniciais M. C. depois de meu obscuro nome. Não será grande coisa; mas me consolo pensando que está cada vez mais difícil pegar um robalo em Cachoeiro. Não que o rio esteja decadente; ele está cada dia mais belo e vivo. Mas lá em baixo, na barra, há um tenente da Capitania dos Portos que é cego ou displicente; nestes meses de abril, maio e junho, que são os da piracema, ele deixa os pescadores cercarem os robalos, que sobem para desovar, com 26 mangas de rêde; o que me parece barbaridade e escândalo.

Mas foi tudo uma festa imensa e cordial; e afluiram até vigaristas e batedores de carteira, o que mostra, André, a importância de Cachoeiro. Um abraço comovido, e adeus.

4-7-51

R. B.

473